

Em reunião com a APROPUC o secretário-executivo da Fundação São Paulo, Rodolpho Perazzolo, afirmou que os casos de professores que receberam a menos neste início de semestre serão corrigidos, de acordo com os dados da Divisão de Recursos Humanos, DRH. A coordenadora da DRH, Angela Renna, afirmou que no mês passado 38 professores tiveram defasagens em seus salários. Destes a maior parte concentra-se na Faficla, 14, na Faculdade de Ciências Sociais 12, no campus Marquês 3, FEA e Direito com 4 e um caso na Educação Física. O pagamento será feito em folha complementar no dia 23/4.

A diretoria da APROPUC aproveitou a reunião para discutir alguns parâmetros para que, no próximo semestre, tais problemas não se repitam. Para a entidade é fundamental que nenhum contrato seja viabilizado sem que parta das premissas contidas no plano acadêmico de sua unidade e, caso haja algum problema, ele deverá passar por uma discussão entre a faculdade e a Reitoria e Fundação. Mesmo com a existência de ato do reitor, como aconteceu neste semestre, deve haver instâncias de mediação e não a simples decisão de instâncias técnicas.

A APROPUC também lembrou o caso de professores que receberam a menos em função de aumento de contrato. É que a universidade entendeu que o semestre começou no dia 6 de fevereiro e, portanto, um professor que aumentou, por exemplo, de TP-30 para TI deixou de receber seis dias de contrato novo. Ficou decidido que esta diferença será ressarcida no 5º dia útil de maio e que, de agora em diante, para efeito de pagamento, os semestres se iniciam a 1º de fevereiro e 1º de agosto.

## UNIVERSIDADE PROMETE REVER SITUAÇÃO DE PROFESSORES COM SALÁRIO MENOR EM ABRIL

### QUESTÕES ESTRUTURAIS

A diretoria da APROPUC também lembrou questões estruturais que ainda são problemáticas na PUC-SP. Como já foi exposto em várias entrevistas publicadas no *PUCviva*, a PUC-SP não possui um plano de aposentadoria complementar, que garanta aos professores uma condição melhor de vida após atingirem uma idade onde a carga horária se torne penosa.

Outra crítica da associação refere-se à adoção do chamado vestibular social que não pode ser confundido unicamente com redução de mensalidades. Ele deverá vir juntamente com

outras medidas que o contemplem. Os vestibulares complementares devem abranger inclusive cursos que não atingiram um patamar mínimo de alunos. Os professores citaram o exemplo da PUC de Goiás que está conseguindo sair de uma situação de baixa procura para um aumento do número de ingressantes.

Mas a APROPUC assinou também que tais medidas só terão realmente sentido se tiverem como horizonte o fim da maximização e da desigualdade provocada pela existência de várias tabelas salariais. Outra premissa básica refere-se à inclusão das horas da Cogear no contrato de trabalho, o que poderia inclusive reduzir custos

para a universidade e garantir a complementação contratual dos docentes.

### DISCUSSÃO NA CÂMARA DE GRADUAÇÃO

Na reunião de abril da Câmara de graduação os coordenadores de curso e programas de pós manifestaram o seu descontentamento frente às questões que vêm ocorrendo na universidade, principalmente em relação aos resultados do vestibular e ao trancamento de turmas. Foi elaborado um documento, que deverá ser discutido no Conselho de Ensino e Pesquisa do dia 9/5, relatando as principais críticas feitas pelos conselheiros. Entre os problemas levantados pelos coordenadores estão a falta de diálogo entre as áreas fins e meios da universidade, que leva à adoção de uma postura mecanicista pela universidade, e a comunicação externa e interna da universidade. Os coordenadores levantaram críticas ao *modus operandi* da Secretaria de Administração Escolar, SAE, causado pelo excesso da centralização operacional do setor.

O documento deverá ser ampliado com a opinião dos diversos setores da universidade, para passar pela discussão do CEPE.

### Sucessão

## **PRESIDENTE DA AFAPUC ANALISA A SITUAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS ÀS VÉSPERAS DA ESCOLHA DE NOVO REITOR**

Páginas 3 e 4



Nalcir Antonio Ferreira Junior

LETICIANEISA

## EDITORIAL

## A crise econômica: Independência e democracia sindicais

A crise de 2008 ainda se mostra vigorosa. A União Europeia, hoje, sintetiza a sua virulência. Há espaço para prosseguir. É o que indica o mais recente relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI). Os países de economia atrasada que foram retardatariamente arrastados, provavelmente, escreverão mais um capítulo da crise de superprodução. Aguarda-se uma caída da China, para se completar o desenvolvimento das contradições entre as forças produtivas e as relações de produção capitalista sob a forma monopolista e de domínio do capital financeiro (parasitário). Está em andamento a quebra de forças produtivas (recessão, depressão, desemprego, miséria). Não há como desconhecer a decomposição da economia mundial.

As frações burguesas que controlam o processo produtivo e a distribuição de riqueza, que exercem o poder internacional por meio do capital financeiro, e que têm suas sedes nas potências estão em disputa. Os governos das mais poderosas metrópoles se movimentam para proteger suas economias nacionais. Estão aí as emissões de trilhões (dólares, euros, ienes, libras). Ocorre que não têm como defenderem seus interesses internos a não ser com a ofensiva internacional. O Brasil é um dos focos importantes das diretrizes emanadas do imperialismo.

O capital estrangeiro penetrou profundamente em sua economia, sob a forma de ampliação do controle multinacional e do parasitismo financeiro. Elevou-se, portanto, o grau de desnacionalização, de concentração monopolista e de valorização fictícia do capital financeiro. Está aí por que a crise no Brasil resulta, em última instância, dos desequilíbrios do capital internacional.

A queda do crescimento do PIB que alcançava a marca de 7,5% em 2008 para quase zero em 2009 e depois de 7,5% em 2010 para 2,7% em 2011 indica o quanto a economia brasileira está atada ao movimento de avanço e recuo dos negócios mundiais. Tudo indica que o agravamento da desaceleração interna virá de setores e ramos diretamente monopolizados pelas multinacionais - o mais potente é a indústria automotiva.

O governo a tem protegido desde as primeiras horas do anúncio

da bancarota do sistema financeiro norte-americano em meados de 2008. Mas tão-somente se tem adiado o seu recuo. A Fiesp armou uma campanha contra a "desindustrialização". A culpa recai inteiramente sobre a China e se obscurece que a balança comercial com os Estados Unidos passou de superavitária para deficitária. Ou seja, o problema não se circunscreve à China que compra montanhas de matérias primas e de produtos agrícolas do Brasil. Trata-se - isso sim - de um fenômeno mais amplo de sua integração na economia mundial pela via do controle multinacional.

As centrais sindicais (CUT, Força, CTB, UGT, etc.) que aderiram à campanha da Fiesp, em nome dos empregos, não fazem senão ecoar no movimento sindical posições do empresariado ligado ao capital imperialista. Não há nem sombra de defesa de uma genuína indústria nacional - parte dela se encontra em ramos como têxteis, calçados, móveis. A burocracia sindical se nega a abrir uma séria discussão sobre a crise, seus responsáveis e seus efeitos no movimento operário e dos demais trabalhadores. Se assim o fizesse, permitiria elevar a consciência de classe dos explorados perante a crise que sobre eles desabar, como assistimos na Grécia, Irlanda, Espanha, Itália, enfim, em toda Europa Ocidental.

Os dirigentes encastelados nos sindicatos, graças à fábula do imposto sindical, constituíram uma burocracia autoritária. Não necessitam submeter suas posições a uma discussão crítica, livre e democrática aos assalariados. Em seus nomes apóiam a campanha da Fiesp e o Brasil Maior do governo Dilma, que não protegerá emprego algum e que serve à lucratividade das multinacionais, fundamentalmente. A desoneração da folha de pagamento é um crime contra os trabalhadores. Logo mais dirão que a Previdência está quebrada e que deve ser submetida a uma nova reforma.

Os setores mais honestos e classistas do sindicalismo têm o dever de combater pela independência política e pela democracia sindical, sem as quais não se pode lutar pelas reivindicações próprias dos explorados. Abaixo a colaboração das centrais com a Fiesp.

**Diretoria da APROPUC**

## Comissão define calendário para eleições da APROPUC

A Comissão Eleitoral da Associação dos Professores da PUC-SP, formada pelas professoras Nely Welffort de Almeida, Sueli Pacheco Amaral e Regina Célia (Chu) Cavalcante, decidiu as normas que regerão o próximo pleito da entidade.

A inscrição de chapas deverá ocorrer entre os dias 31 de maio a 1 de junho de 2012. As chapas deverão ser constituídas por presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, além de três suplentes. Será facultativa a inscrição na chapa dos integrantes das comissões de trabalho.

Todos os integrantes da chapa deverão estar associados até 90 dias da data de posse da nova gestão (18/06/2012). Terão direito a voto todos os professores associados até o dia 16 de abril de 2012 e que estiverem quites com a tesouraria da entidade.

A APROPUC disponibilizará espaços no **PUCviva** e no site às chapas (no máximo até

10000 caracteres com espaço), para divulgação da composição, programa e outras informações que as chapas julgarem necessárias, devendo os textos serem entregues até o dia 1º de junho até às 19h. Da mesma forma a APROPUC enviará duas mensagens por internet aos seus professores com até 1000 caracteres, essas mensagens serão enviadas nos dias 4 e 6/6.

A eleição acontecerá nos dias 12, 13 e 14 de junho das 8 às 20h. A localização das urnas será informada até uma semana antes da votação. A lista dos professores aptos a votar será divulgada pela APROPUC até uma semana antes de acontecerem as eleições.

A apuração acontece tão logo termine a votação, no dia 14/6 e a posse da nova diretoria acontece no dia 15/6.

A íntegra do edital poderá ser encontrada no endereço eletrônico [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br).

O **PUCviva** dará ampla cobertura a todo processo eleitoral.

**PUCViva**

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Apropuc:** Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

**Afapuc:** João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

**PUCViva:** 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) – **PUCViva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

**Editor:** Valdir Mengardo

**Reportagem:** Roberto de Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

**Fotografia:** Marina D'Aquino

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

**Conselho Editorial:** Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victória C. Weischardt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.



# Estudantes ocupam Ouvidoria e Reitor propõe nova sede para CA

Os estudantes de Jornalismo e Multimeios ocuparam a sala da Ouvidoria da PUC-SP na última segunda-feira para chamar a atenção da comunidade puquiana para o descaso da administração com a falta de espaço físico para o Centro Acadêmico Benevides Paixão. A ocupação foi tirada em assembleias realizadas no dia 11/4 com estudantes de ambos os cursos. Sob o mote "E agora, seremos ouvidos?", os estudantes ocuparam de maneira pacífica a sala, e promoveram diversas atividades durante a semana.

Aproveitando o aniversário de 16 anos do massacre em El Dorado dos Carajás (PA), na terça-feira, 17/4, ocorreu um debate com a presença do professor Leonardo Sakamoto, do departamento de Jornalismo e de Igor Felipe, do MST. Na quarta-feira, os professores Pollyana Ferrari e Hamilton de Souza, ao lado da ex-aluna Paula Salati, conversaram sobre a importância da luta dos estudantes pelo centro acadêmico, e relembrou momentos marcantes da história da PUC onde o Benê teve atuação.

Os "ocupados" aproveitaram que o reitor Dirceu de Mello voltou de viagem no dia 18/4 e promoveram um apitaco em sua chegada à universidade na quinta-feira, entregando-lhe uma carta assinada pelo corpo estudantil de Jornalismo e Multimeios, onde apontavam que, se não recebessem uma resposta da reitoria no mesmo dia, iniciariam



Ao lado, assembleia dos estudantes, durante a ocupação; abaixo (esq) o debate com o professor Hamilton de Souza, a ex-aluna Paula Salati e a professora Pollyana Ferrari; à direita o coordenador de Comunicação do MST Igor Felipe e o professor Leonardo Sakamoto.



o processo de ocupação permanente do espaço da Ouvidoria. O reitor se comprometeu a resolver o problema imediatamente, declarando que, se necessário, ele dividiria até o espaço da reitoria com o Benevides Paixão.

No final do dia, o reitor e a diretora do campus Marcia Alvim convocaram uma assembleia com os estudantes, propondo-lhes que o "novo Benê" seja em uma sala localizada próximo à quadra de esportes. Os estudantes decidiram convocar assembleias em todos os períodos de aulas para discutir com todo o corpo estudantil de Jornalismo e Multimeios o futuro do CA, por entender que o espaço é algo que pertence a todos.

## Espaço físico, um problema permanente

A transferência da FAFICLA para o Prédio Novo não prejudicou apenas os estudantes da Comunicação Social e o CA Benevides Paixão.

As turmas do curso de Letras, os laboratórios de vídeo e rádio, a Rede PUC, a Agência Online Mauricio Tragtemberg, a Atlética da Comunicação e a Clínica da Psicologia, entre outros setores da universidade, foram transferidos para diversos locais dentro e fora do campus Monte Alegre ou ainda sequer conseguiram uma nova sede, como é o caso das coordenações

dos cursos.

Com a mudança das salas de aula, cursos como Pedagogia e Artes do Corpo também foram prejudicados: tais cursos fazem uso de salas com piso especial, onde não poderiam colocar carteiras ou andar calçando sapatos.

Nas últimas semanas, a reitoria ainda avisou que o curso de Serviço Social seria retirado do corredor no Térreo do Prédio Novo para dar lugar à FAFICLA, o que gerou protestos dos estudantes, cujo curso ocupa há anos o local.

## SUCESSÃO

# "O funcionário não vislumbra hoje perspectiva de crescimento"

*Nalcir Antonio Ferreira Junior, atual presidente da AFAPUC, ingressou na PUC-SP em maio de 1994, porém seis anos antes sua participação como estudante no Cacex, no câmpus Marquês de Paranaguá foi significativa. Depois de três anos de seu ingresso na universidade, Nalcir começou a participar da AFAPUC como diretor de eventos, galgando postos até chegar à atual gestão como presidente. Hoje ele é nosso entrevistado discutindo a situação dos funcionários administrativos às vésperas de mais uma eleição para reitor da universidade.*

## ATUAL GESTÃO

Foi uma gestão de construção de relacionamentos com a Fundação e a Reitoria. Na gestão anterior não havia um relacionamento aberto com os gestores e o Reitor. Esta aproximação não significa que tivemos nossas reivindicações atendidas, mas o fato de termos acesso e levarmos as reivindicações das pessoas que por nós são representadas, já é um bom sinal, pois não tínhamos com quem dialogar.

Até a relação com a Fundação São Paulo melhorou muito, pois ela começa a enxergar o funcionário como um colaborador. Antes os secretários-executivos tinham a versão passada pela gestão anterior: os funcionários

ganhavam muito, e produziam pouco, o mesmo acontecendo com os professores. Mas aos poucos ela foi enxergando que os professores trabalham muito, o mesmo acontecendo com os funcionários.

Hoje os docentes estão submetidos à maximização e os funcionários têm um acúmulo de funções que

contra um da Reitoria. Em uma situação na qual a posição da Reitoria é contrária à dos secretários fica difícil fazer valer o seu poder de decisão.

## SITUAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS

Os maiores problemas que os funcionários enfren-

ça salarial que é criada para os funcionários, porque os novos entram com salários menores do que os antigos, gerando descontentamentos para funcionários que exercem a mesma função.

O trabalhador não enxerga perspectiva de crescimento, nem aquele que está entrando nem o mais antigo.

## SOBRE A SAE

Seria injusto colocar a culpa de uma situação complicada, como a atual, sobre o corpo administrativo da SAE. Na realidade houve um erro de estratégia da Fundação, que abraçou juntamente com algumas pessoas (professores e funcionários administrativos) um projeto que não teve participação efetiva dos demais setores acadêmicos e administrativos. A discussão ficou restrita a algumas chefias e direções que constituíram um grupo de estudos. Isto não quer dizer que eles desconheciam a universidade, mas não estão suficientemente a par das situações que acontecem aos professores alunos e funcionários. Quando você faz um projeto e quer implantar um sistema sem consultar o usuário final, a tendência é termos muitos problemas. Além de tudo a PUC-SP é uma universidade que está em constan-

**"Seria injusto colocar a culpa de uma situação complicada, como a atual, sobre o corpo administrativo da SAE"**



LETÍCIA MAISA

não deixa dúvidas de como eles trabalham muito. Mas na situação funcional, especificamente dos funcionários, o avanço foi mínimo. Hoje a Reitoria enfrenta um grande problema que é gerir uma universidade da qual não temos acesso aos recursos financeiros. E quando nós vemos uma situação onde predominam cortes de turmas, maximização etc, fica difícil de manter uma relação tranquila. São pontos de vista diferentes de administração e aí, no Conselho de Administração, Consad, são dois votos da Fundação

taram na atual gestão foram os referentes à falta de um plano de carreira. Muitas vezes estes avanços são difíceis de implementar porque a tendência é subir a folha de pagamento com as promoções, ou você terá que implementar cortes. Na atual situação da PUC-SP as duas alternativas são complicadas e nesse meio acabam sendo prejudicados os funcionários.

Dessa maneira acho complicada esta situação porque, no final acabamos fazendo mais tarefas do que devemos. E, além de tudo isto existe, a diferen-



**continuação da  
página anterior**

te mudança. Para implantar um sistema, como o RM, deveríamos ter uma administração "redonda". Precisariamos ter um norte, saber o que queremos e qual o projeto de universidade que temos em mente. Seria muito mais tranquilo para os funcionários que não ficariam na linha de frente sendo agredidos, verbalmente e algumas vezes até fisicamente, o professor não teria dificuldades para lançar uma nota, imprimir um relatório, e o aluno não teria problemas para imprimir um carnê. Então, os problemas que acontecem pela SAE não foram criados por ela, mas resultam de uma sucessão de erros, de ausência de projeto transparente de universidade, e em parte, também, por culpa do nosso próprio Departamento de Tecnologia, que abraçou uma causa e quis implementá-la (ou foi levado a isso).

Não vejo neste momento uma situação de solução do problema a curto prazo, porque como a universidade está em constante transformação teremos sempre que investir em implementação de um novo sistema e de novas ferramentas, o que requer recursos financeiros dos quais a universidade carece muito hoje. Não desmerecendo o trabalho de Departamento de Tecnologia, creio que seria o caso de pensarmos outras ferramentas de baixo custo para a universidade.

**SOBRE A NOVA  
GESTÃO**

A categoria dos funcionários espera que o novo reitor tenha mais poder de decisão, pelo menos com

as questões do dia-a-dia que afligem a universidade. O próximo reitor deve ter como objetivo a abertura da universidade para convênios com as empresas. Uma vez que não tem como acessar diretamente os recursos da universidade o novo reitor terá como meta trazer estes recursos via convênios. Temos funcionários capacitados para trazer estes projetos para dentro da universidade, equipes que já faziam isto em gestões passadas. Nós não vamos manter o salá-

Faltou o funcionário enxergar que ele está ali para representar a universidade como um todo, e não uma pequena parte dela. Por sua vez o conselho como um todo enfrentou decisões que colocaram em xeque a situação do reitor. O professor Dirceu levou ao Consad situações como a das mensalidades e lá a decisão do conselho foi negada, e o Consun não voltou a discutir esta negativa.

Creio que as pessoas têm que ser mais atuantes no sentido de cobrar do rei-

tor. Isso me desagrada muito, a Igreja tem este poder estatutariamente, mas essa fica sendo uma falsa democracia. Quando o candidato mais votado é colocado como reitor da universidade é porque a comunidade tem perspectivas com relação à sua atuação. Parece-me muito cômodo que o Cardeal, na sua cadeira, recebendo a informação de outra pessoa nomeie o menos votado, porque o Cardeal não acompanha efetivamente o dia-a-dia da universidade.

Em qualquer processo democrático é muito complicado que existam ainda pessoas que compactuem com esta situação. Isso caracteriza o que eu chamo de farsa democrática. Se tomarmos tal atitude como regra equivale a reconhecermos que a PUC-SP tem um dono e não nos resta mais nada a fazer. Então se acabe com esta história de administração compartilhada e coloque-se os representantes que a Igreja achar melhor, e nem precisa ter eleição para reitor. Para os funcionários e professores não há problema em que nosso patrão seja efetivamente a Igreja, o que não pode acontecer é ficarmos neste processo desgastante porque a PUC-SP foi construída com o esforço dos trabalhadores, administrativos e acadêmicos, e quando ficamos num conflito de gestão alimentado por situações desse tipo quem perde é a instituição, é ruim porque vai contra toda história da universidade.

Uma vez escolhido o mais votado, o Cardeal deve ter em mente a história da universidade, pensar democraticamente e não retroceder.

***"Preocupa-me muita  
uma situação onde em uma  
lista tríplice, o menos  
votado possa ser indicado  
como reitor"***

rio unicamente com receita de mensalidades, temos que procurar novas fontes de recursos. E isso depende da Fundação.

**PARTICIPAÇÃO NOS  
CONSELHOS**

Não me agrada a situação atual, onde funcionários representantes nos conselhos se negam a discutir determinados assuntos sob a justificativa que estes assuntos não dizem respeito a ele. No contrato de trabalho dos professores, por exemplo, os funcionários se resguardaram da discussão, alegando que os professores não discutiram a questão do plano de carreira, nesse sentido, eu entendo que houve uma leitura equivocada dos conselheiros, pois quando você tem o poder da participação e não coloca o seu pensamento no debate não temos o direito de reclamar.

tor e da Fundação estas questões, não podemos deixar esfriar o assunto. Não se discute no Consun um projeto de universidade. Por outro lado, a PUC-SP assumiu outros campi, e quem nos garante que estas novas unidades sejam superavitárias? Será que a universidade não assumiu um déficit?

O Consun tem pouca possibilidade de debater e, mesmo com 48 representantes, fica inviável a tomada de uma posição realmente representativa. Então a Fundação fica livre para tomar as decisões que queira, porque não tem uma resposta rápida para assuntos que exigem rapidez nas decisões.

**SOBRE A  
LISTA TRÍPLICE**

Preocupa-me muita uma situação onde em uma lista tríplice, o menos votado

## GAUCHE NA VIDA

# 'Occupy' retrata os protestos que surpreenderam o mundo

A memória coletiva marcará 2011 como o ano em que as pessoas tomaram as ruas de diversos países em uma onda de mobilizações e protestos sociais: um fenômeno que começou no norte da África, derrubando ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen; estendeu-se à Europa, com ocupações e greves na Espanha e Grécia e revolta nos subúrbios de Londres; eclodiu no Chile e ocupou Wall Street, nos EUA, alcançando no final do ano até mesmo a Rússia. Das praças ocupadas por acampamentos às marchas de protesto nas avenidas das principais metrópoles, emergiu uma consciência de solidariedade mútua que resultou em toda sorte de material multimídia sobre o movimento na internet, amplamente compartilhado nas redes sociais.

Para o jornalista, doutor em Ciências Sociais e blogueiro Leonardo Sakamoto, o que muita gente ainda não percebeu é que tais ferramentas não são utilizadas para a mera descrição dos fatos, mas sim para a construção e reconstrução da realidade: "Quando a pessoa atua através de uma dessas redes, não reporta simplesmente. Inventa, articula, muda. Vive".

Inspirada por essa campanha colaborativa, a Boitempo lança, em parceria com a revista eletrônica Carta Maior, a coletânea Occupy - movimentos de protesto que tomaram as ruas, a qual reúne artigos de pen-

sadores críticos deste novo momento da política global em que a voz das ruas passa a ocupar o cenário. O livro será vendido a preço de custo, graças à colaboração dos autores e ilustradores, que cederam os direitos autorais para tornar a obra mais acessível e condizente com a proposta do movimento. Imbuídos não só da lucidez da crítica, mas também da esperança e da paixão pelo engajamento, os textos apresentam alguns consensos, como a certeza do declínio geral do capitalismo; a percepção de uma nova solidariedade social; e a análise da ausência, até o momento, de uma definição estratégica dos movimentos de ocupação.

Apesar de Tariq Ali dizer que saber contra quem se luta é um importante começo, Slavoj Žižek é bem categórico ao afirmar que não basta saber o que não se quer, é preciso saber o que se quer. O povo, de acordo com ele, sempre tem a resposta, o problema é não saber a pergunta.

A identificação da desigualdade social, da riqueza e do poder de 1% da população mundial contra os 99% já está clara de acordo com João Alexandre Peschanski. Giovanni Alves acredita que é essencial um programa coerente para a formação de um novo movimento de organização de classe que junte o proletariado e o precariado, mas a conclusão de Vladimir Safatle sobre o programa reformista e regulacionista do capitalismo é categóri-

ca e controversa: "a época em que nos mobilizávamos tendo em vista a estrutura partidária acabou".

No hemisfério norte, Immanuel Wallerstein e Mike Davis comemoram 2011 como um bom ano para a esquerda, enquanto David Harvey defende a importância da união dos corpos no espaço público. Com foco no Oriente Médio, Emir Sader analisa a Primavera Árabe, em que a necessidade de organizações políticas é ainda maior dada a presença dos movimentos fundamentalistas e de uma interferência militar direta da OTAN e dos EUA.

O caso brasileiro, abordado no texto de Edson Teles, ainda não teve movimentos da mesma magnitude que os de outros países, mas possui a peculiaridade de mobilizar setores da juventude e de excluídos sociais. Tais grupos foram alvo, em 2011, de uma sistemática repressão policial, desde as marchas da maconha em São Paulo e a entrada de tropas de choque na USP até a expulsão dos moradores do Pinheirinho e os projetos higienistas no centro das capitais.

A extrema-direita, que revelou em 2011 a sua face mais explícita, no massacre na Noruega, também cresce. A troika (União Europeia, FMI e Banco Europeu) dita ordens de mais austeridade e todos os governos as seguem. Ao que tudo indica, o duro inverno do hemisfério norte

será seguido por uma primavera politicamente quente em 2012, colocando na ordem do dia o debate sobre a natureza e a evolução dos novos movimentos políticos que floresceram em 2011. Poderá a indignação se tornar revolução?

O texto acima foi baseado na apresentação de Henrique Soares Carneiro

#### Sobre os autores

**David Harvey** é professor da Universidade da Cidade de Nova York. **Edson Teles** é professor de filosofia política na Unifesp. **Emir Sader** é professor aposentado da FFLCH-USP e secretário-executivo do Clacso. **Giovanni Alves** é professor da Unesp. **Henrique Soares Carneiro** é professor de História Moderna da USP. **Immanuel Wallerstein** é pesquisador da Universidade Yale. **João Alexandre Peschanski** é doutorando em Sociologia na Universidade de Wisconsin-Madison. **Mike Davis** é professor na Universidade da Califórnia. **Slavoj Žižek** é filósofo e psicanalista, professor da European Graduate School. **Tariq Ali** é jornalista, historiador, cineasta e ativista político. **Vladimir Safatle** é professor do Departamento de Filosofia da USP.

[http://www.boitempo.com/livro\\_completo.php?isbn=978-85-7559-216-8](http://www.boitempo.com/livro_completo.php?isbn=978-85-7559-216-8)

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

## MOVIMENTOS SOCIAIS

# MST realiza a maior jornada nacional de lutas pela reforma agrária

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) está promovendo neste mês a maior jornada de lutas em defesa da reforma agrária dos últimos anos - o "Abril Vermelho". Desde o início da ofensiva, diversos latifúndios improdutivos e prédios governamentais foram ocupados, assim como estradas federais e estaduais foram interditadas pelo movimento.

As manifestações do "Abril Vermelho" resgatam a memória dos 21 militantes do MST mortos em 1996, no massacre da rodovia BR-155 em Eldorado dos Carajás (PA), e denunciam a morosidade e a falta de vontade política do governo federal com a reforma agrária.

"O ano de 2011, início do mandato da presidenta Dilma, foi o pior dos últimos 16 anos na política de reforma agrária. O que existe é política de assentamento em áreas já ocupadas pelos movimentos de luta pela terra, o que é muito diferente do governo intervir em terrenos improdutivos e em latifúndios para

promover redistribuição de terras", declarou Igor Felipe, militante e coordenador de comunicação do MST.

Na manhã do dia 16/4, em torno de 400 sem terra ocuparam a sede do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), que fica na Esplanada dos Ministérios em Brasília. Eles exigiram uma audiência pública com a presidenta Dilma e protestaram contra o profundo corte de verbas, que beira os 70%, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), cujas sedes regionais também foram ocupadas de norte a sul do país. O governo, por sua vez, aceitou o processo de debate e negociação com o MST, mas sob a condição da desocupação dos espaços ocupados.

As manifestações tomaram conta também do campo e das rodovias do Brasil. Mais de 100 fazendas já foram ocupadas neste mês, e estradas federais e estaduais foram interditadas e obstruídas em mais de 15 estados brasileiros, como parte da jornada de lutas.

# Tribunal da Terra escancara violações dos direitos humanos

O Tribunal Popular da Terra reuniu de 20 à 22/4 centenas de ativistas e movimentos sociais e julgou o Estado brasileiro pela omissão e desrespeito aos direitos humanos universais, entre eles o direito a terra e moradia e à vida.

O despejo da comunidade de Pinheirinho, o assassinato de índios Guaranis Kaiowá e as remoções populares em função das

obras da Copa compuseram as denúncias e acusações que culminaram na sentença final por parte dos jurados.

Com a presença e construção da APROPUC, esta sessão nacional do Tribunal Popular aglutinou militantes de todas as regiões do Brasil e também da América Latina. E receberá espaço especial na próxima edição do *PucViva*.

## Índios Waimiri-Atroari querem resgatar massacre durante a ditadura militar

Eles foram quase dizimados nos anos de regime ditatorial militar no Brasil. Entretanto, os 2000 índios Waimiri-Atroari desaparecidos entre 1972 e 1975 no estado do Amazonas não constam em números oficiais de mortes e sumiços do período.

Mobilizaram-se contra a construção da BR-174, que liga Boa Vista a Manaus e que foi construída sobre as terras indígenas tradicionais sem consulta às comunidades originárias, e foram tachados de "guerrilheiros" e

inimigos da ordem por documentos militares que circularam na época.

O caso do extermínio dos índios Waimiri-Atroari ainda permanece às escuras na história recente do Brasil e se assemelha com demais episódios de desrespeito aos direitos humanos que ainda precisam ser esclarecidos. Por isso, movimentos indígenas lutam para que sua história seja lembrada e exposta pela Comissão Nacional da Verdade, criada pelo Governo Federal ao final do ano passado para investigar crimes da ditadura.

### ***Movimentos sociais organizam manifestações no dia do trabalho***

Inúmeras manifestações estão sendo organizadas por centrais sindicais e movimentos sociais para o dia 1º/5. No dia internacional do trabalhador, o centro de São Paulo será ponto de encontro de trabalhadores e de diversas centrais sindicais para realização de atos políticos, eventos culturais

e debates sobre as lutas e campanhas salariais.

Saindo da Praça da Sé em direção à Praça da República, Intersindical, Conlutas e Unidos pra Lutar, além de movimentos e partidos de esquerda, organizarão ato com o eixo de "Emprego, salário, moradia, terra e direitos sociais" para os trabalhadores.

Com a atual conjuntura de desindustrialização em que o país se encontra, vários setores do movimento sindical tem intensificado as mobilizações em defesa da seguridade empregatícia dos trabalhadores. A APROPUC apoia e estará presente nestas atividades do Dia do Trabalhador.

Na contramão das manifestações de caráter político, a CUT promove no Vale do Anhangabaú atividades com o tema "Diversidade no Brasil e no mundo - um olhar de cinco jeitos", que contará com feiras gastronômicas das comidas típicas do país e com série de shows que deve ganhar a noite paulistana.



# ROLA NA RAMPA

## Rede de Proteção convoca reunião de organização

A Rede de Proteção aos Militantes Ameaçados de Morte se reuniu na última terça-feira para discutir os próximos passos de sua atuação. Estavam presentes representantes da APROPUC, do Comitê Pró-Haiti, do grupo Tortura Nunca Mais, entre outras entidades que compõem a rede. Entre as pautas discutidas, estava o Tribunal Popular da Terra, even-

to que ocorreu entre os dias 20 e 22/4, onde foram discutidos diversos assuntos também debatidos pela Rede, como a remoção dos índios Guarani-Kaiowás e dos moradores de Pinheirinho. A Rede ainda decidiu uma data para uma reunião de organização, que acontecerá no dia 8/5, às 16h na sede da APROPUC, na Rua Barreira, 407.

## Pastoral comunica falecimento do padre Júlio Munaro

O Serviço de Pastoral Universitária da PUC-SP lamenta o falecimento do Prof. Dr. Pe. Júlio Munaro, no dia 6/4. A atividade que o professor realizaria no dia 19/4 sobre a Campanha da Fraternidade foi adiado e não tem data definida. Pe. Júlio Munaro era da Congregação dos Camilianos, professor de História do Cristianismo e Bioética, fundador da Pastoral da Saúde da Arquidiocese de SP, e durante muitos anos foi professor de História da Igreja Antiga, Média, Moderna e Contemporânea da Faculdade de Teologia Nossa

Senhora da Assunção. Escrevia regularmente para o jornal O São Paulo sobre temas relacionados à Bioética - aborto, eutanásia, manipulação genética, células tronco, saúde pública e tantos outros. A vida do Pe. Júlio Munaro foi marcada por um trabalho incansável baseado nos ensinamentos de Jesus Cristo e inspirado no carisma do fundador da sua Congregação, pela construção de um mundo justo, mais humano e sem tanto sofrimento. A Pastoral Universitária lamenta a sua partida pelo vazio que nos deixou.

## Debates sobre o Rio+20 começam esta semana

O programa de pós-graduação em Geografia da PUC-SP convida para os debates sobre o Rio+20 que acontecerão a partir desta semana na universidade. O primeiro debate será sobre Crise e Reforma da Governança Ambiental Global, no dia 26/4 no auditório 239 do Prédio Novo. O debate será coordenado pela professora Flávia de Campos Mello, do curso de Relações Internacionais e os debatedores serão Wagner Ribeiro, da USP e Aron Belink, do Vitae Civilis.

## Sipat prossegue no campus Monte Alegre

A Semana Interna de Prevenção de Acidentes promoverá esta semana algumas atividades relacionadas à saúde dos funcionários da PUC-SP. No dia 25/4 acontecerá o treinamento do uso de EPI no Setor de Manutenção, às 12h, em parceria com o SESMT. No mesmo dia, às 14h30, no auditório 117A, os estudantes do curso de Fisioterapia apresentarão as conclusões da análise ergonômica feita nos setores visitados. O encerramento da semana acontecerá no dia 27/4, às 15h, no auditório 134C.

## Neam promove debate com professoras argentinas

O Núcleo de Estudos de Aprofundamento Marxista da Pós-Graduação em Serviço Social, coordenado pela professora Beatriz Abramides, convida a todos para participar do debate com as professoras Andrea Oliva, da Universidad de la Provincia de Bue-

nos Aires, e Carolina Mambloña, da Universidad de La Plata, sobre o legado marxiano e a tradição marxista na formação profissional dos assistentes sociais na Argentina. O evento acontecerá dia 25/4, às 19h15, na sede da APROPUC.

## José Mario Ortiz Ramos

Faleceu no dia 14/4 o ex-professor da Faculdade de Ciências Sociais José Mario Ortiz Ramos. Professor da PUC-SP desde 1979, Zé Mario, como era conhecido por seus colegas, esteve vinculado à PUC-SP até 1995. Docente do departamento de Antropologia, lecionou em cursos da Faculdade de Ciências Sociais e

nas primeiras turmas do curso de Jornalismo. Terminou seu mestrado e doutorado na PUC-SP, fazendo Pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Companheiro participativo na vida da universidade, sua presença ficou indelevelmente marcada entre aqueles que com ele conviveram.

## Central de Ex-alunos discute seu encontro de 2012

A Central de Ex-alunos realizará a primeira reunião de construção do 23º Encontro de Ex-alunos da PUC-SP, que acontecerá em setembro no TUCA, aproveitando as comemorações que acontecerão na universidade para o 66º aniversário da PUC. A reunião acontecerá no dia 25/4, às 19h30 no Auditório Paulo

VI, na Biblioteca Central do campus Monte Alegre. Os ex-alunos de todos os cursos e de todas as turmas da PUC-SP estão convidados, com destaque para as turmas que completam 10, 15, 20, 25, 30, 35, 40, 45 e 50 anos de formados. Mais informações, 3670-8287 ou no site <http://www.pucsp.br/ex-alunos>.

## Sarau da APROPUC tem nova data

O tradicional sarau da APROPUC, que acontece toda última sexta-feira do mês, foi adiado devido ao feriado do dia 1/5. O encontro foi transferido para

a sexta-feira, 4/5, sempre contando com a participação de professores, alunos e funcionários da PUC-SP que abrilhantarão a noite com muita música e poesia.